

Mais casos de Aids entre os jovens

Casos de pessoas entre 15 e 24 anos com HIV cresceu 11,8% no Estado. Médicos dizem que muitos perderam o medo e não se previnem

Heloiza Camargo

O aumento de jovens com Aids têm preocupado especialistas. Há 10 anos, os casos da doença no Estado entre pessoas de 15 a 24 anos correspondiam a 5,4% do total. Ano passado, o número subiu para 11,8%, ou seja, mais do que dobrou em uma década. No Brasil, os casos nessa faixa aumentaram 32%.

Hoje, pelo menos 5.114 pessoas vivem com o vírus HIV e recebem o coquetel de medicamentos antirretrovirais para a doença no Espírito Santo.

A explicação para o aumento nesta faixa etária passa pela banalização da Aids entre os jovens, dizem especialistas.

“No ano passado, as unidades de saúde de Vitória distribuíram três milhões de preservativos. Até agora, entregamos 1,5 milhão de camisinhas. Os jovens perderam o medo da Aids, porque não acom-

panharam a trajetória da doença, não viram amigos morrendo”, afirmou a referência técnica de DST e Aids da Prefeitura de Vitória, Tacianna Cristina Lima.

Segundo ela, houve entre 100 e 120 novos casos de infecções por ano na capital, de 2006 a 2012. Em 2013, esse número saltou para 186. De janeiro a setembro deste ano, já são mais 158 pessoas que descobriram a doença.

O diretor do Centro de Referência em DST e Aids de Vitória, Lauer Sardenberg, contou que pelo menos uma vez por semana, o diagnóstico da Aids é dado a pessoas que têm entre 13 e 24 anos.

“O que acontece muito ainda é que os portadores de HIV não querem se expor, contar sua história. É quase uma sociedade secreta. Os jovens estão se contaminan-

do ao mesmo tempo em que, quando infectados, não querem falar sobre a doença”, explicou Sardenberg.

Para o infectologista Paulo Peçanha, o problema também está na prevenção. “Os jovens não estão usando preservativos. O vírus HIV pode ficar até 10 anos no organismo sem dar nenhum sinal. A pessoa está aparentemente saudável, faz sexo sem proteção e espalha a doença”, afirmou.

O médico ressaltou que os medicamentos antirretrovirais, que garantem qualidade de vida aos portadores de HIV, são, ao mesmo tempo, um dos motivos pelos quais os jovens perderam o medo da doença.

“Eles esquecem que a Aids não tem cura e que todo remédio tem efeito colateral”, completou.

DESCOBERTA NA ADOLESCÊNCIA

“Poderia ter transmitido o vírus sem saber”

“Passei toda a infância internado, sempre doente. Meus pais descobriram quando eu tinha 12 anos que sou portador do vírus HIV. Mas me esconderam isso por dois anos.

Aos 14 anos, assistindo TV, vi o nome do remédio que eu tomava e, sozinho, descobri que tenho Aids.

Meu pai, minha mãe e meu irmão têm a doença. Penso que poderia ter transmitido o vírus para alguém sem saber. Já tive relações sexuais com uma namorada e usei camisinha.”

Estudante de 19 anos, morador da Grande Vitória

OPINIÕES

HELOIZA CAMARGO



“Os jovens perderam o medo da Aids. Eles não viram os amigos morrerem”

Tacianna Cristina Lima, referência técnica de DST e Aids de Vitória

JULIA TERAYAMA - 13/07/2012



“Os jovens esquecem que a Aids não tem cura e que é uma doença grave e muito séria”

Paulo Peçanha, infectologista

SAIBA MAIS

Ataque ao sistema imunológico

O que é

> A AIDS é o estágio mais avançado da doença, que ataca o sistema imunológico.

> A SÍNDROME da Imunodeficiência Adquirida, também chamada de Sida, é causada pelo vírus HIV.

> COMO esse vírus ataca as células de defesa do corpo, o organismo fica mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou

câncer. Inclusive, o tratamento dessas doenças fica prejudicado.

> A TRANSMISSÃO acontece por meio do sexo sem camisinha, troca de seringa e também de mãe para filho.

Tratamento

> É PASSÍVEL de controle quando os pacientes tomam o coquetel com medicamentos antirretrovirais.

Fonte: Ministério da Saúde e pesquisa/AT.

Vírus HIV poderá ser extinto até 2030, diz OMS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que o vírus HIV poderá ser totalmente combatido em 2030, reduzindo a zero o número de mortes causadas pela Aids. De acordo com a OMS, até 2020 será possível diagnosticar 90% dos casos de contágio e mantê-los sob tratamento.

Mas, há um importante obstáculo a ser vencido: aproximadamente metade das pessoas com Aids não sabe que têm a doença.

“Por isso, é necessário um esforço comum para oferecer testes a toda população mundial, principalmente aos da zona de risco, como homossexuais, profissionais do sexo e dependentes químicos”, disse Gottfried Hirschall, que dirige o departamento de Aids da OMS.



EXAME de sangue para teste de HIV



ALDA REGINA CASTRO ajudou a fundar ONG para pessoas com Aids

ALDA REGINA CASTRO PROFESSORA “Meu filho não aceitava”

Há dez anos, a professora aposentada e uma das fundadoras da ONG Movimento do Apoio Humano aos Portadores de HIV (MAHP), Alda Regina Castro, 68, perdeu o filho, então com 26 anos, morto em decorrência da Aids.

Ela contou que o filho não aceitava a doença e não conseguiu vencer o próprio preconceito.

A TRIBUNA - Como a senhora descobriu a doença do seu filho?

ALDA REGINA CASTRO - Ele tinha 24 anos e estava na Bahia, trabalhando com o pai. De repente, começou a adoecer e voltou para o Espírito Santo.

Foi do aeroporto para o hospital e ficou internado por 19 dias. Sou-

bemos o diagnóstico da Aids neste momento.

> **Como foi para ele receber o diagnóstico?**

Desde o começo, ele se preocupou com as meninas com quem manteve relações sexuais antes de saber da doença. Chegou até a acompanhar algumas para fazer o teste. No primeiro momento, achei que ele tivesse sido infectado por meio do sexo. Mas ele disse que

não, que foi porque dividiu uma seringa de droga com outro portador da doença. Esse rapaz morreu.

> **Vocês contaram para a família e os amigos?**

Ele pediu para que eu contasse apenas para algumas poucas pessoas. As irmãs e alguns amigos, além de parentes próximos, sabiam desde o começo.

> **Como foi a evolução da doença dele?**

No primeiro um ano e meio, ele estava bem, apesar de não aceitar a doença. O estigma de que gays é que se infectavam era grande e ele não conseguia vencer o próprio preconceito.

Nos últimos seis meses de vida, ele morreu dois dias depois

de completar 26 anos, ele estava muito depressivo. A não aceitação da doença fez com que ele desistisse do tratamento.

> **O que a senhora fez depois?**

Segui em frente, com muita dor, mas segui. No mesmo ano nasceu a ONG MAPH, em Guarapari, que auxilia as pessoas no sentido de falar para elas onde buscar tratamento. Também realizamos visitas domiciliares e fazemos encontros.

“Desde o começo, meu filho se preocupou com as meninas com quem manteve relações sexuais antes de saber da doença”